## O ENSINO E CULTURA

Discurso proferido pelo Prof.

EDSON MACHADO DE SOUSA na Es

cola de Guerra Naval.

Brasília, 22/04/1.075.

Não é possível planejar-se a educação para um país cuja cultura não se conheça. Digo isso para precisar a for mulação inicial da qual pensamos que deva partir qualquer concepção de um planejamento educacional que não determine instituições alienadas. E uma referência como essa é tanto mais vital quando o sistema de ensino de um povo lança-se em um processo ca da vez mais abrangente de reforma.

Temos uma experiência tão longa de um tipo de educação, e, cosequentemente, de um certo tipo de escola, que in corporamos uma imagem do que deva ser ENSINO tão desprovida de contestação e crítica que dificilmente nos lembramos de que educação e escola podem admitir alternativas. A única coisa que não se admite é que a formação de um homem, em uma nação, termine por transmitir-lhe um conteúdo inconsistente com os valores e os objetivos de seu próprio povo. São esses valores e esses objetivos que definem uma cultura, uma maneira de se colocar o homem diante do mundo. O que Franz Boas chama de um "SENTIDO". É ao longo do sentido de sua cultura que as pessoas traçam, com sua cultura que as pessoas traçam, com sua cultura que as pessoas traçam, com sua conduta, o que são os vetores de suas vidas: forças de comportamento dirigidas.

Uma cultura que perder o seu sentido criará, para a orientação das vidas das pessoas que a incorporaram, uma caos comportamental.

Acreditamos que a escola, antes de ser uma instituição que assuma a difusão de modelos de reação científicos e tecnológicos, através do ensino e até a sua inovação, através da pesquisa, deva ser uma agência de referenciamento do homem à sua cultura.

No caso do Brasil, pode à primeira vista parecer uma formula teórica vazia falar-se em referência cultural como mecanismo de integração de um povo, quando nos defrontamos, dia a dia, com um painel complexo de variações de maneiras de ser, no tempo e no espaço.

De um lado, a conhecida fórmula interpretativa da realidade brasileira contida na imaginação dos "dois Brasis", de Jacques Lambert, que não é, senão, a idéia de uma nação defa sada no tempo, em que o tradicional e o secular convivem como duas dimensões em que se dissocia uma mesma cultura. Dissocia-se e, potencialmente, se antagonisa. Antagonisa-se a si mesma, em um conflito de opções que se reflete em dissonâncias nas pessoas e nos grupos. Basta imaginarmos que um fato alarmante como a alta incidência de problemas de trânsito, nas grandes cidades, deve-se, em grande parte, à transferência, para um contexto urba no, de hábitos de locomoção de populações rurais recem migradas.

Hã laguns anos atrãs, o Dr. Ndeye Lambo, con sultor de psiquiatria do governo da Nigeria, publicada um docu mento sobre as neuroses de populações subitamente urbanizadas , em seu país, cuja conduta se desorganizava, ou seja, perdia fun cionamento em um sistema de solidariedade diferente do tribal.

A ordem do semeador a que se refe Sérgio Buar que de Holanda, como, uma das características da colonização por tuguesa, criou lacunas de comunicação, bolsões de descontinuida de cultural, que tornam tênues os vinculos de referência comum entre homens que, na verdade, vivem em momentos diferentes de um mesmo processo histórico.

Por outro lado, de ponto de vista das aporta ções que vieram, e estão ainda vindo, definir a configuração de nossa cultura, temos de nos lembrar de que não é variável a integração, quer de pessoas, quer de modelos que tenham assumido para reagir à realidade, antes de suas diferenças transitarem, gradativamente, para uma coerência básica comum.

O que enxergamos hoje, pelas ruas ou nos cam pos, tomando forma como o que se chama CULTURA BRASILEIRA, não  $\hat{\mathbf{e}}$  senão o terceito tempo de um processo de evolução, que deve pros seguir.

De um tempo de origem, em que os portugueses, índios, africanos, asiáticos e europeus de diversas outras gens, não eram senão o que ainda eram, em suas nações de berço e suas culturas, infundidas em suas personalidades, passamos a um segundo tempo, um tempo de encontro, ou de aculturação, em que elas, pessoas e culturas, se mesclaram, se aceitaram e se repu diaram, mas, principalmente, transitaram de uma constelação de formas altamente diferenciais para um painel mais ajustado e de validade mais geral. De validade mais geral, porém, mais rico de alternativas e bem mais complexo do que eram as pessoas e as cul turas no tempo de origem.

O tempo atual, que é o tempo intermediario da mudança, é aquele em que essa primeira configuração gera modelos dela própria, mas, endógenos, produtos da elaboração de uma experiência das coisas realizada no seu bojo mesmo.

Esse tempo de evolução não ocorreria nunca sem antes, haver uma apropriação, por todo um povo, de uma postura essencialmente comum diante da vida.

A independência das nações americanas se esbo çou, sob a figura de um movimento social, na exata medida em que essa postura incorporou uma noção de patrimônio em relação aos bens e a terra sobre as quais ela se reinava de forma concreta, isto é, como uma cultura plena.

Nesse sentido é que podemos afirmar que somos, basicamente, uma nação formada da integração de indios, de africanos e de portugueses. Essas correntes é que definiram nossa primeira forma cultural no tempo de encontro, nossa matriz funda mental.

Colocando esse quadro, posso passar a discutir o que me parece ser a função mais importante da educação.

A educação deve ser o principal fator da construção de um ajustamento de homem ao seu mundo, e o homem se ajus ta a seu mundo desenvolvendo, diante dele, uma cultura. A educação deve portanto, ser a transmissora de uma cultura. A aparente simplicidade dessa frase, ou o seu quase truismo, ocultam envol-

vimentos das mais sérias consequências. O primeiro deles, que nos remete à frase inicial, é o de uma definição precisa da cultura que deve caber à escola transmitir. Proponho que os órgãos' que tratem do planejamento educacional cuidem de procurar determinar e analisar a cultura que o sistema de instituições de ensino irá transmitir, para que escola seja um agente de integração de homem, não de geração de muitos de seus conflitos com sua propria sociedade. E proponho, também, que caiba à escola reforçar as referências do homem à cultura, como fase fundamental de sua formação. Se o dia chegar em que tivermos uma só cultura mundial, essa cultura não deve representar a aniquilação de nenhum povo, ou o destroçamento de qualquer alternativa. Para que assim possa ser, todos os povos devem poder se encaminhar para uma in tegração total à partir de sua própria individualidade cultural.

O outro envolvimento que nos parecerimportante na afirmação de que cabe à escola transmitir uma cultura, é o da eficácia com que ela o faz. Não é nova a afirmação de que o ca minho do inferno está calçado de boas intenções. Garantido o co nhecimento do substrato de conteúdo cultural que a escola deve lançar nos indivíduos como padrão fundamental sobre o qual se construa uma ciência e uma tecnologia, uma sabedoria e uma profissão, devemos cuidar de que a escola o faça com proficiência.

Uma cultura tem certa semelhança com os virus, na maneira como subsiste: ela é contagiosa, e exige um organismo que a hospede. Penso que a escola deve ser um agente de contágio cultural, para que todos nos contaminemos de uma postura nacio nal própria de nosso povo.

Poderia parecer que estou defendendo um imobilismo educacional, ou seja, pensando a escola e a educação como recursos de fixação de homem em uma forma de ser. Isto seria tanto mais chocante quanto mais universal tem sido a difusão e a incorporação da ideia de progresso.

Gostaria de explicar que, se a educação formal ou a aprendizagem controlada, não é senão um processo de forma ção de imagens sobre as coisas e de aquisição de técnicas, em outras palavras, um sistema de valores, de objetivos e de mode

los de reação, temos de encarar, aí, duas formas de dinamismo. A primeira, que determina o próprio funcionamento de sistema, ou seja, sua aquisição e sua operacionalidade, e a segunda, através do qual ele se inova, em seu conteúdo, e se transforma, como uma configuração.

Portanto, se aceitamos que cabe à escola assumir, para a escola, a necessidade desse duplo dinamismo. Ela de ve criar, no homem, as condições de incorporação e aplicação da quilo que é a cultura de seu mundo e de seu tempo, e ela deve mu dar de conteúdo e de processos na medida em que a cultura que transmite também muda.

No caso brasileiro, cabe à escola e aos órgãos que a orientam, além do mais, acelerar a integração completa de uma cultura nacional em suas inconsistências nos tempos localiza dos sobre espaços de comunicação deficiente, e em relação às diferentes contribuições que buscam integração em uma configuração contínua. Essa função ao lado da de trasmissão e de ajustamento e aceleração de forças de mudança.

Seria fatal para uma nação alimentar o seu sistema de instituições de ensino com uma cultura desintegrada. E seria fatal, para um sistema de ensino realizar uma educação que não contenha a cultura do povo que ela se destina desapareciam 'nas personalidades de homens sem um mundo a que nação e sistema de ensino possam pertencer.

Cultura e educação, portanto, são fatores es senciais de um processo amplo de estabelecimento de uma segurança nacional. Não há segurança nacional que tenha sentido quando' a maneira de ser e pensar que determina uma nação dilue-se em um processo de dissociação entre uma população e a sua cultura.

As crônicas mais que descrevem os anos que se seguiram à invasão espanhola narram a derrota militar, mas, em seguida, continuam para descrever a morte da cultura nacional em homens que foram obrigados a pensar e existir de uma forma alienigena.

Por outro lado, a pertinácia, ou a possibilida de, de muitas nações que preservaram as suas culturas mesmo sob o controle político de outros povos fizeram com que tivessem si do muitas vezes invadidos, porém, nunca conquistados.

São essas condierações iniciais, que constituem achegas e uma teoria da educação, que nos levam a dar a davi da importância à solução dos problemas que ainda datem o funcio namento satisfatório de nosso sistema de instituições de ensino.

Gostaria de deter-me longamente na analise de alguns deles.